

# Mailson inicia negociações com o FMI

REGIS NESTROVSKI  
Correspondente

NOVA YORK — O Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, está nos Estados Unidos desde domingo pela manhã mantendo contatos com o governo americano e órgãos multilaterais para fechar as contas externas do Brasil em 1988. Em entrevista em Nova York antes de ir para Washington, o Ministro acredita que o acordo com os bancos credores internacionais estará fechado em março, antes mesmo de um acordo do País com o FMI.

O Ministro da Fazenda disse que sua presença nos Estados Unidos é para acelerar os entendimentos. Ele deve visitar pessoas decisivas, como o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, hoje, o Presidente do Banco Central americano, Federal Reserve, Alan Greenspan, o Presidente do Federal Reserve de Nova York (que é a base do Federal Reserve americano), Corrigan, e o Diretor do FMI, Michel Camdessus, assim como os Presidentes dos principais bancos credores americanos do Brasil. A intenção do Ministro é de definir rapidamente os pontos básicos para um acordo com os bancos como montante, taxa de juros, vinculação ao FMI, prazo e rolagem do principal da dívida antiga.

— O montante é fundamental. Não podemos contar com montantes substanciais do Clube de Paris e do Banco Mundial por algum tempo — disse Mailson, acrescentando acreditar que o acordo global com os bancos feche em março.

— O Brasil colocou na mesa uma proposta que achava mais favorável para si. Os bancos responderam com uma contra-proposta que eu diria muito “pão-dura” colocando todas as hipóteses otimistas de financiamentos para o Brasil. As duas são exageradas. Mas acho que é um ponto de partida. Teremos o que os banqueiros chamam de um *term-sheet* (uma folha de propósitos em inglês) antes das negociações com o FMI. Com o fundo trabalharemos durante março, abril e maio para um acordo. Isso é, em junho, quando tivermos a massa crítica (90% de comprometimentos dos bancos) aí teremos um acordo com o FMI e com os bancos sendo assinado simultaneamente. Tudo de-



pende de uma série de eventos. Não podemos correr o risco de voltarmos a uma moratória. É importante que se reverta o quadro de remessa de poupança para os credores. Importante para o Brasil aumentar a importação de bens de capital, tecnologia e como não temos poupança interna teremos que usar de uma captação externa. Esta é a questão central. Um permanente processo de estagnação não é do interesse do País nem dos bancos credores. É por isso que estamos indo ao FMI, porque ele vai representar recursos para o Brasil — esclareceu Mailson da Nóbrega.

O Ministro é da opinião de que é preciso olhar a proposta dos bancos pelo que ela representa de positivo. Explicou que não concorda com vários pontos mas que isso é normal. Para ele, a primeira proposta concreta dos bancos ao Brasil nos últimos três anos é algo positivo.

— Há inovações no processo de negociação da dívida do Terceiro Mundo. Eles apresentaram montante e *spread* (taxa de risco) já na sua resposta. Isso geralmente fica para o final. Agora sabemos a posição dos bancos com todos os itens e consideramos isso como ponto de partida. Os bancos já partem oferecendo uma taxa de risco de 14/16 acima da Libor, isso é semelhante ao conseguido por México e Argentina que foram ao FMI. Nós estamos indo — revela

Mailson.

O Ministro da Fazenda disse ainda que, com o Clube de Paris, somente vai negociar a dívida depois de um acordo com FMI. Ele pretende concluir isso com o FMI em junho, achando que, assim, terá um acordo com o Clube em julho, ao mesmo tempo em que está assinando um acordo global com os bancos em Nova York. No acordo constará o principal, o que vai se reescalonar, taxa de juros e prazo. Será assinado um acordo bilateral com cada um dos credores. Sobre os financiamentos para as importações brasileiras, eles têm de ser imediatos. Assim, diz o Ministro, o montante adequado dos bancos é crucial para o pagamento de juros. Se isso não acontecer, revela Mailson, vai criar problemas insuperáveis para o resultado do País:

— Nossa ideia é, tão logo acertado um acordo com os bancos, suspender totalmente a moratória, mas antes disso precisamos de duas garantias: Primeiro, que o montante que vão refinanciar seja adequado; segundo, que enquanto se chega a uma massa crítica (90% dos comprometimentos dos credores, cerca de 700 bancos no mundo inteiro) haja um empréstimo-ponte dos bancos.

Um acordo com os bancos, acrescenta o Ministro Mailson, visa a propiciar financiamento adequado de juros para 1987, 1988 e parte de 1989. “Não temos reservas para ir pagando os juros enquanto o acordo não

chega à massa crítica. Assim, seria um adiantamento dos desembolsos, já que não podemos estabelecer a prioridade dos desembolsos do Banco Mundial para 1988. O que há são estimativas e as estimativas dos bancos são muito otimistas”.

Sobre o acordo com o FMI, Mailson disse que vai pedir ao Diretor do FMI, Michel Camdessus, que acerte uma agenda de trabalho. Explicou que o Brasil ainda está num processo de revisão dos orçamentos, rolagem das dívidas externas dos Governos estaduais, municipais e que ainda não tem uma visão geral do déficit público para 1988.

— Esperamos que essa revisão esteja pronta até o fim do mês, início de março. Aí, uma missão com técnicos do Ministério da Fazenda, da Secretaria do Planejamento (Seplan) e do Banco Central vai a Washington discutir a política econômica. As negociações somente começarão quando tivermos o projeto pronto. O programa deverá ser preparado durante todo o mês de março. O programa tem de ser realista, não pode improvisar, temos de contar com todas as informações e as estimativas têm de ser feitas com o pé no chão. Isso acontecerá até o fim de março. O programa do Fundo vai objetivar duas coisas. Primeiro, contribuirá para evitar a recessão e em segundo lugar, ele deve ser realista para que possa ser cumprido.